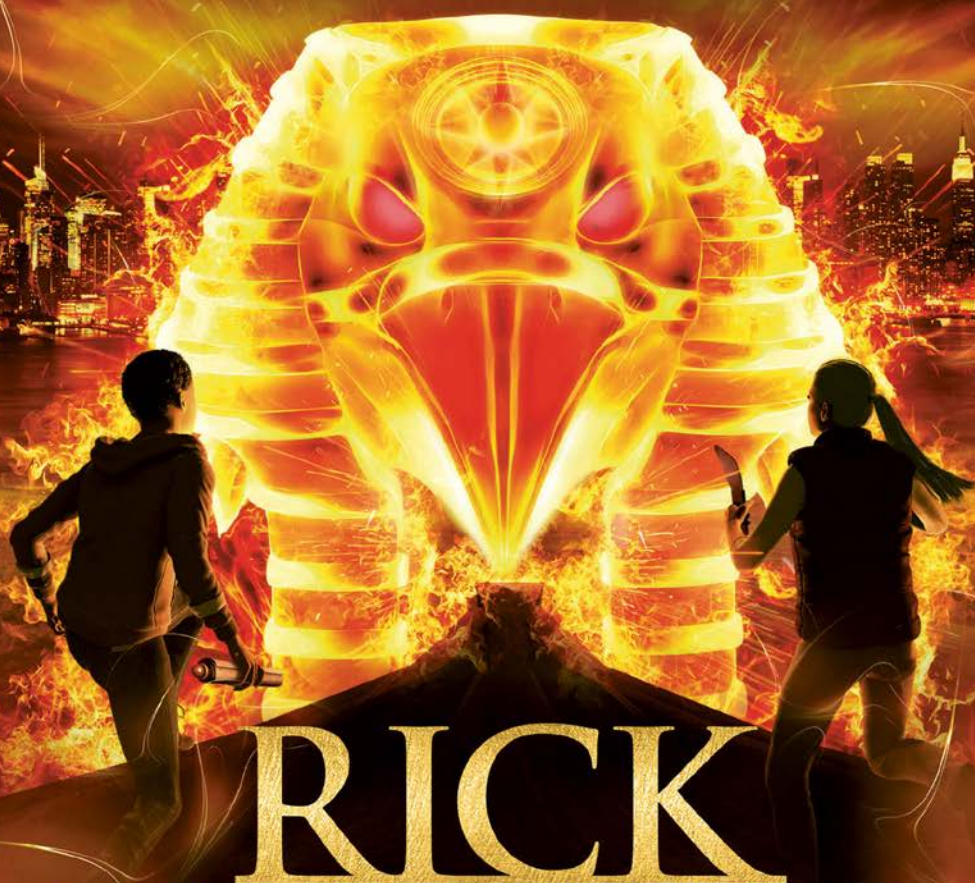


DO AUTOR *BESTSELLER* DE *PERCY JACKSON*

AS CRÓNICAS DOS KANE

O TRONO DE FOGO



RICK

HERÓIS ÉPICOS · AVENTURAS LENDÁRIAS

RIORDAN

*Dedicado ao Conner e à Maggie, a grande equipa mano-mana
da família Riordan.*

ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| 1. Divertimento e Combustão Espontânea | 11 |
| 2. Domesticamos um Colibri de Três Toneladas | 25 |
| 3. O Homem dos Gelados Planeia a Nossa Morte | 38 |
| 4. Um Convite de Aniversário para o Armagedão | 53 |
| 5. Aprendo a Odiar a Sério Escaravelhos do Esterco | 73 |
| 6. Um Bebedouro para Pássaros Quase Me Mata | 88 |
| 7. Um Presente do Rapaz de Cabeça de Cão | 101 |
| 8. Demoras Consideráveis na Estação de Waterloo (Pedimos Desculpa pelo Babuíno Gigante) | 115 |
| 9. Fazemos uma Digressão Portadora de Limitações Verticais pela Rússia | 140 |
| 10. Um Velho Amigo Vermelho Vem de Visita | 156 |
| 11. O Carter Faz Algo Incrivelmente Estúpido (e Ninguém se Admira) | 174 |
| 12. Eu Domino a Nobre Arte de Chamar Nomes | 189 |
| 13. Entra-me um Demónio pelo Nariz Acima | 215 |
| 14. No Túmulo de Zia Rashid | 231 |
| 15. Os Camelos São Maus... | 243 |
| 16. ... Mas Não Tão Maus como os Romanos | 256 |
| 17. Menshikov Contrata um Esquadrão da Morte Feliz | 284 |
| 18. Apostas para a Véspera do Dia do Juízo Final | 303 |
| 19. A Vingança do Alce Alceu, o Deus-Alce | 320 |
| 20. Visitamos a Casa da Prestável Hipo | 339 |
| 21. Ganhamos Algum Tempo | 358 |
| 22. Amigos nos Sítios mais Estranhos | 383 |
| 23. Damos uma Festa de Arromba Lá em Casa | 401 |
| 24. Eu Faço uma Promessa Impossível de Cumprir | 411 |

ADVERTÊNCIA

O texto que se segue constitui uma transcrição de uma gravação em áudio. Carter e Sadie Kane deram-se a conhecer numa gravação que recebi no ano passado, e transcrevi com o título de *A Pirâmide Vermelha*. Este segundo ficheiro áudio chegou a minha casa pouco tempo após a publicação desse livro, pelo que só posso concluir que os Kane confiam suficientemente em mim para continuar a divulgar a sua história. Admitindo que esta segunda gravação constitua um relato verídico, a reviravolta nos acontecimentos só pode ser descrita como alarmante. A bem dos Kane, e do mundo em geral, espero sinceramente que aquilo que segue seja ficção. Caso contrário, estamos todos tramados.



1. Divertimento e Combustão Espontânea

DAQUI FALA O CARTER.

Ouçam, não temos tempo para grandes apresentações. Tenho de contar esta história rapidamente, caso contrário morremos todos.

Se não ouvirem a nossa primeira gravação, bom... prazer em conhecer-vos: os deuses egípcios andam por aí à solta no mundo moderno; um grupo de mágicos chamado Casa da Vida está a tentar detê-los; toda a gente nos odeia, à Sadie e a mim; e uma grande serpente está prestes a engolir o Sol e destruir o mundo.

[Ai! Para que é que foi isso?]

A Sadie acabou de me dar um murro. Diz que assim vou assustar-vos demais. Que devia mas era dar um passo atrás, acalmar um pouco e começar pelo princípio.

Tudo bem. Mas, pessoalmente, eu acho que vocês deviam assustar-se mesmo.

O objetivo desta gravação é dar-vos a conhecer o que realmente se está a passar e como as coisas descambaram. Vão ouvir um monte de gente a falar mal de nós, mas não fomos nós que causámos essas mortes. Quanto à serpente, também não foi culpa nossa. Quer dizer... não exatamente. Todos os mágicos do mundo *têm* de se unir. É a nossa única hipótese.

E pronto, aqui vai a história. Decidam por vocês. A coisa começou quando deitámos fogo a Brooklyn.

A tarefa até era para ser simples: infiltrarmo-nos no Museu de Brooklyn, tomarmos de empréstimo determinado artefacto egípcio e sairmos sem sermos apanhados.

Não, não era roubo. Nós teríamos acabado por devolver o dito artefacto. Mas suponho que se possa dizer que tínhamos um ar suspeito: quatro miúdos em trajes ninja negros no telhado do museu. Ah, e um babuíno, também vestido de ninja. *Definitivamente* suspeito.

A primeira coisa que fizemos foi enviar os nossos estagiários Jaz e Walt com a missão de abrir a janela lateral, enquanto o Khufu, a Sadie e eu examinávamos a grande claraboia de vidro a meio do telhado, a qual deveria constituir o elemento central da nossa estratégia de fuga.

A nossa estratégia de fuga não estava famosa.

Já escurecera há um bocado, e o museu era para estar fechado. Em vez disso, porém, a claraboia de vidro estava toda iluminada. Lá dentro, uma dúzia de metros mais abaixo, centenas de pessoas de *smoking* e vestidos de gala conviviam e dançavam num salão de baile do tamanho do hangar de um aeródromo. Havia uma orquestra a tocar, mas, com o vento a uivar-me aos ouvidos e os dentes a bater, não conseguia ouvir a música. Estava a congelar no meu pijama de linho.

Os mágicos devem usar roupas de linho por ser um tecido que não interfere com a magia, o que, provavelmente, é uma excelente tradição no deserto egípcio, onde raramente chove ou faz frio. Agora, em Brooklyn, em pleno mês de março — nem tanto.

A minha irmã Sadie não parecia incomodada com o frio. Ia abrindo as fechaduras da claraboia enquanto cantarolava ao som de uma cena qualquer do *iPod*. Quer dizer, a sério — quem é que leva a sua *playlist* para assaltar um museu?

O vestuário dela era semelhante ao meu, com exceção das botas da tropa. Tinha o cabelo loiro raiado de madeixas vermelhas — subtil à brava, para uma missão furtiva... Com os seus olhos azuis e a sua figura magra, não se parecia minimamente comigo, o que ambos achávamos ótimo. É sempre bom termos a opção de negarmos que a miúda marada que está ao nosso lado é nossa irmã.

— Tu disseste que o museu ia estar vazio — reclamei.

A Sadie só me ouviu quando lhe arranquei os fones dos ouvidos e repeti o que tinha dito.

— Quer dizer, *devia* estar vazio. — Ela vai negá-lo, mas, depois de viver nos *States* os últimos três meses, estava a começar a perder o sotaque britânico. — O *site* dizia que fechava às cinco. Como é que eu adivinhava que ia haver um casamento?

Um casamento? Olhei lá para baixo e vi que ela tinha razão. Reparei em algumas mulheres que usavam vestidos tipo damas de honor cor de pêssego. Numa das mesas destacava-se um enorme bolo branco com vários andares. Dois grupos independentes de convidados tinham levantado o noivo e a noiva em cadeiras que transportavam pela sala, enquanto os amigos rodopiavam à sua volta, dançando e batendo palmas. Tudo aquilo mais me parecia um choque frontal de mobília à espera de acontecer.

O Khufu deu umas pancadinhas no vidro. Mesmo trajando de negro, era-lhe difícil fundir-se nas sombras, por força da sua pelagem dourada, para já não falar no nariz e no traseiro cor de arco-íris.

— *Agh!* — grunhiu.

Como babuíno que era, o som em questão podia significar qualquer coisa, desde *Olhem, há comida ali em baixo* até *Este copo está sujo, passando por Ei, aqueles gajos estão a fazer cenas estúpidas com as cadeiras*.

— O Khufu tem razão — interpretou a Sadie. — Não vai ser fácil entrarmos de penetra na festa. Talvez se fingíssemos que somos da equipa de manutenção...

— Ah, então não — retorqui. — «Desculpem lá, só um jeitinho. Somos só quatro miúdos a passar com uma estátua de três toneladas. Vamos só fazê-la flutuar através do teto. Não reparem em nós, tá bom?»

A Sadie revirou os olhos. Pegou na sua varinha mágica — um pedaço curvo de marfim esculpido com figuras de monstros — e apontou para a base da claraboia. Um hieróglifo dourado iluminou-se, e o último cadeado abriu-se com um estalido.

— Ora bem, se não vamos usar esta claraboia como saída — disse ela —, porque é que eu estou a abri-la? Não podemos simplesmente sair por onde vamos entrar, pela janela lateral?

— Eu disse-te. A estátua é enorme. Não cabe na janela lateral. Além disso, as armadilhas...

— Tentamos outra vez amanhã à noite, então? — perguntou ela. Abanei a cabeça.

— Amanhã a exposição vai ser toda encaixada e expedida em digressão.

Ela levantou o sobrolho daquela maneira irritante como só ela sabe.

— Talvez se alguém nos tivesse avisado com mais antecedência de que precisávamos de roubar esta estátua...

— Esquece. — Já estava mesmo a ver para onde é que a conversa estava a derivar, e não ia ajudar, eu e a Sadie a discutirmos a noite toda em cima do telhado. Mas enfim — as minhas fontes não eram exatamente fiáveis. Após várias semanas a pedir ajuda, tinha finalmente recebido uma dica do meu amigo Hórus, falcão e deus da guerra, que me falou em sonhos: *Ah, por falar nisso, aquele artefacto que tu querias? Aquele que pode conter a chave para salvar o planeta? Olha, está há trinta anos mais abaixo na rua, no Museu de Brooklyn, mas parte amanhã para a Europa, por isso é melhor despachares-te! Tens cinco dias para descobrir como usá-lo, caso contrário estamos todos condenados. Boa sorte!*

Podia ter-me posto aos berros com ele por não me ter dito mais cedo, mas não teria feito a menor diferença. Os deuses só falam quando estão prontos para isso, e não têm grande noção do tempo dos mortais. Eu já sabia disto porque há uns meses o Hórus tinha partilhado algum espaço na minha cabeça. Eu ainda tinha alguns dos seus hábitos antissociais — como, por exemplo, um impulso ocasional para caçar pequenos roedores peludos ou desafiar pessoas para combates até à morte.

— Vamos mas é manter-nos fiéis ao plano original — disse a Sadie. — Entramos pela janela lateral, descobrimos a estátua e levamo-la

a flutuar pelo salão de baile fora. Quando chegarmos ao casamento pensamos no que havemos de fazer. Talvez criar uma diversão.

Foi a minha vez de franzir o sobrolho.

— Uma diversão?

— Carter, tu preocupas-te demais — disse ela. — Vai ser brilhante.

A não ser que tenhas outra ideia.

O problema era esse. Não tinha.

Dir-se-ia que a magia facilitaria as coisas. Na verdade, em geral, só as complicava. Havia sempre um milhão de razões para este ou aquele feitiço não funcionar nesta ou naquela situação. Até podia haver outra magia a neutralizar-nos — por exemplo os feitiços protetores deste museu.

Não tínhamos a certeza de quem os tinha lançado. Talvez um funcionário do museu fosse um mágico infiltrado, o que não seria de todo invulgar. O nosso próprio pai tinha usado o seu doutoramento em Egiptologia como fachada para ter acesso a artefactos. Além disso, o Museu de Brooklyn possui a maior coleção de rolos de papiro mágicos egípcios do mundo. Fora assim que o nosso tio Amós localizara o seu quartel-general em Brooklyn. Havia uma série de mágicos que podiam ter razões para vigiar ou armadilhar os tesouros do museu.

Qualquer que fosse o caso, havia umas maldições tramadas instaladas nas portas e janelas. Não podíamos abrir um portal mágico para a exposição, nem podíamos usar os nossos *shabti* de resgate — as estatuetas mágicas de barro que nos serviam na nossa biblioteca — para nos trazer o artefacto de que precisávamos.

Íamos ter de entrar e sair à maneira dura; e caso cometêssemos um erro, sabia-se lá que género de maldição iríamos desencadear: monstros guardiões, pestes, incêndios, burros explosivos (não se riam; são do piorio).

A única saída que não estava armadilhada era a claraboia por cima do salão de baile. Aparentemente, os guardiões do museu não se tinham preocupado com a possibilidade de os ladrões fazerem

levitar artefactos através de uma abertura a doze metros de altura. A não ser que a claraboia estivesse mesmo armadilhada, e a armadilha demasiado bem escondida para a conseguirmos detetar.

Fosse como fosse, tínhamos de tentar. Só dispúnhamos dessa noite para roubar — ou melhor, *levar emprestado* — o artefacto. Depois tínhamos cinco dias para descobrir como usá-lo. Adoro prazos apertados.

— E então, avançamos e improvisamos? — perguntou Sadie.

Olhei lá para baixo, para a festa de casamento, esperando não estarmos prestes a arruinar a noite especial daquela gente.

— Acho que sim.

— Maravilha — disse a Sadie. — Khufu, fica aqui de vigia. Abre a claraboia quando nos vires a subir, tá?

— *Agh!* — respondeu o babuíno.

Senti um formigueiro na nuca. Tinha um *feeling* de que aquele assalto não ia ser maravilha nenhuma.

— Vamos lá então — disse eu à Sadie. — Vamos ver como a Jaz e o Walt se estão a sair.

Deixámo-nos cair para a plataforma do lado de fora do terceiro andar, que alojava a coleção egípcia.

A Jaz e o Walt tinham feito o seu trabalho na perfeição. Tinham colado com fita-cola quatro estátuas de Filhos de Hórus nos rebordos da janela e pintado hieróglifos no vidro para contrariar as maldições e o sistema de alarme letal.

Quando a Sadie e eu aterrámos ao lado deles, pareciam estar a meio de uma conversa séria. A Jaz tinha as mãos do Walt nas suas. Aquilo surpreendeu-me, mas surpreendeu ainda mais a Sadie. Emitiu uma pequena chiadela, assim como um ratinho que é pisado.

[Chiaste, sim senhora. Eu estava *lá*.]

Porque é que a Sadie havia de se ralar? OK, logo a seguir ao Ano Novo, quando a Sadie e eu enviámos o nosso amuleto sinalizador *djed* para atrair à nossa sede miúdos com potencial mágico, a Jaz e o Walt foram os primeiros a responder. Já treinavam connosco há sete

semanas, mais do que qualquer outro dos miúdos, pelo que ficámos a conhecê-los bastante bem.

A Jaz era uma *cheerleader* de Nashville. O nome era abreviatura de Jasmine, mas não lhe chamem isso se não quiserem ser transformados numa moita. Era gira, dentro do género loura chefe-de-claque — não exatamente o meu género —, mas era impossível não gostar dela, porque era simpática para toda a gente e estava sempre pronta a ajudar. Também tinha um certo talento para magia curativa, pelo que era o tipo de pessoa ideal para levar connosco para o caso de algo correr mal, o que nos acontecia, a mim e à Sadie mais ou menos noventa e nove por cento do tempo.

Nesta noite, tinha coberto o cabelo com uma bandana preta. Pendurado ao ombro levava o seu saco de magia, assinalado com o símbolo da deusa-leoa Sekhmet.

Estava a dizer ao Walt: «Havemos de resolver isso», quando a Sadie e eu aterrámos mesmo ao pé deles.

O Walt pareceu embaraçado.

Ele era... bom, como é que eu hei de descrever o Walt?

[Não, obrigado, Sadie. Não vou descrevê-lo como *sexy*. Espera pela tua vez.]

O Walt tinha 14 anos, tal como eu, mas era suficientemente alto para jogar a avançado na equipa principal. Tinha o corpo certo para isso — magro e musculado — e uns pés gigantes. A pele era castanha-grão-de-café-torrado, um pouco mais escura que a minha, e cabelo pente quatro, de tal modo que mais parecia uma sombra no escalpe. Apesar do frio, vestia uma camisola preta de manga cava e calções de ginástica — não exatamente vestuário típico de um mágico — mas ninguém discutia com ele. Fora o nosso primeiro estagiário a chegar — de Seattle — e era um *sau* natural — isto é, um criador de encantamentos. Usava ao pescoço uma série de cordões de ouro com amuletos mágicos feitos por ele próprio.

Mas enfim, eu estava razoavelmente convencido de que a Sadie tinha ciúmes da Jaz e gostava do Walt, embora nunca o fosse admitir,

uma vez que passara os últimos meses a chorar pelos cantos por causa de outro tipo — na verdade, um deus — por quem tinha um fraquinho.

[Iá, na boa, Sadie. Eu deixo cair o tema, por agora. Mas registo que não negaste nada.]

Quando lhes interrompermos a conversa, o Walt largou à pressa as mãos da Jaz e afastou-se. Os olhos da Sadie saltitaram para trás e para a frente entre os dois, tentando descortinar o que se passava.

O Walt aclarou a garganta.

— A janela está pronta.

— Brilhante. — A Sadie olhou para a Jaz. — O que é que quiseste dizer com «Havemos de resolver isso»?

A Jaz abriu e fechou os lábios como um peixe a tentar respirar fora de água.

O Walt respondeu por ela:

— Sabes... o Livro de Rá. Havemos de resolvê-lo. Decifrá-lo.

— Sim! — exclamou a Jaz. — O Livro de Rá.

Percebi que estavam a mentir, mas achei que não era da minha conta se gostavam ou não um do outro. Não tínhamos tempo para dramas.

— OK — disse eu antes que a Sadie tivesse tempo de exigir uma explicação melhor. — Vamos lá começar esta brincadeira.

A janela abriu-se com facilidade. Sem explosões mágicas. Sem alarmes. Soltei um suspiro de alívio e entrei na ala egípcia, perguntando-me se afinal não teríamos uma pequena hipótese de sucesso.

Os artefactos egípcios evocavam-me todo o tipo de recordações. Até ao ano anterior, eu tinha passado a maior parte da minha vida a viajar pelo mundo na companhia do meu pai, que andava de museu em museu a fazer palestras sobre o Antigo Egipto. Isso foi antes de eu descobrir que ele era mágico — antes de ele ter libertado um monte de deuses, e de as nossas vidas se terem complicado.

Agora não conseguia olhar para arte egípcia sem sentir uma ligação pessoal. Estremecia sempre que passávamos por uma estátua de Hórus — o deus da cabeça de falcão que habitara o meu corpo no Natal passado. De uma vez em que passámos por um sarcófago, recordei-me de como o deus malvado Set tinha aprisionado o nosso pai num caixão dourado no Museu Britânico. Havia por todo o lado imagens de Osíris, o deus de pele azul patrono dos mortos, e pensei para comigo como o Pai se sacrificara para se transformar no novo hospedeiro de Osíris. Neste preciso momento, algures no reino mágico do Duat, o nosso pai era o rei do submundo. Não dá para descrever como me senti esquisito a olhar para uma pintura com cinco mil anos de idade de um deus egípcio azul qualquer e pensar: «Sim, é o meu pai.»

Todos os artefactos pareciam recordações de família: uma varinha mágica tal e qual a da Sadie; uma imagem dos leopardos-serpentes que nos tinham atacado uma vez; uma página do Livro dos Mortos que mostrava demónios que tínhamos encontrado pessoalmente. Depois havia os *shabti*, figurinhas mágicas que ganhavam vida quando invocadas. Uns meses antes, eu apaixonara-me por uma rapariga chamada Zia Rashid, que veio a revelar-se uma *shabti*.

Apaixonar-me pela primeira vez na vida já fora difícil que chegasse. Mas quando descobri que a miúda que me deixava tonto era de cerâmica e se fazia em cacos à minha frente — bom, a expressão «partir o coração» ganhou um novo sentido.

Atravessámos a primeira sala, passando debaixo de um grande mural representando o zodíaco em estilo egípcio. Ouvia-se a festa no grande salão de baile, ao fundo do corredor à direita. A música e os risos ecoavam pelo edifício.

Na segunda sala egípcia, parámos diante de um friso de pedra do tamanho de uma porta de garagem. Esculpida na rocha estava a imagem de um monstro a espezinhar alguns seres humanos.

— Aquilo é um grifo? — perguntou a Jaz.

Acenei afirmativamente com a cabeça.

— A versão egípcia, sim.

O animal tinha corpo de leão e cabeça de falcão, mas as suas asas eram diferentes das que se veem na maioria das imagens de grifos. Em lugar de asas de ave, as asas do monstro estendiam-se ao longo da parte superior do seu dorso. Eram longas, horizontais e hirsutas como um par de escovas de aço invertidas. Se o monstro alguma vez tivesse podido minimamente voar com aquelas coisas, achei que devia batê-las como asas de borboleta. O friso fora pintado, em tempos. Dava para ver manchas de vermelho e dourado na pele da criatura; mas, mesmo sem cor, o grifo parecia assustadoramente real. Os seus olhos redondos como contas de vidro pareciam seguir-me para todo o lado.

— Os grifos eram protetores — disse eu, recordando-me de algo que o meu pai um dia me dissera. — Guardavam tesouros, e assim.

— Fabuloso — disse a Sadie. — Estás então a dizer que eles atacavam... hum, *ladrões*, por exemplo, que entravam em museus para roubar artefactos?

— É só um friso — disse eu, embora duvide que tenha deixado alguém mais descansado. A magia egípcia tinha tudo a ver com transformar palavras e imagens em realidade.

— Ali — avisou o Walt, apontando para o lado oposto da sala. — É aquilo, certo?

Descrevemos um arco amplo em redor do grifo e dirigimo-nos a uma estátua no centro da sala.

O deus elevava-se a uns dois metros e meio de altura. Era esculpido em pedra negra e trajava ao típico estilo egípcio: tronco nu, saiote e sandálias. Tinha cara de carneiro e chifres que se tinham quebrado parcialmente ao longo dos séculos. Sobre a cabeça, uma coroa em forma de disco — um disco solar entrançado com serpentes. Diante de si situava-se uma figura humana muito mais pequena. O deus tinha as mãos sobre a cabeça do pequeno, como se estivesse a abençoá-lo.

A Sadie semicerrou os olhos para conseguir ler a inscrição. Desde que hospedara o espírito de Ísis, deusa da magia, que tinha uma capacidade surreal para ler hieróglifos.

— KNM — leu ela. — Isso pronunciar-se-ia Khnum, suponho eu. Rima com *ca-buum*?

— Sim — concordei. — Esta é a estátua de que nós precisamos. Hórus disse-me que ela contém o segredo para encontrar o Livro de Rá.

Infelizmente, Hórus não fora muito específico. Agora que tínhamos encontrado a estátua, eu não fazia a mais pequena ideia de como ela nos ajudaria. Passei os hieróglifos em revista, na esperança de encontrar uma pista.

— Quem é o sujeitinho à frente dele? — perguntou o Walt. — Uma criança?

A Jaz estalou os dedos.

— Não, eu lembro-me disto! Khnum fazia seres humanos numa roda de oleiro. De certeza que é isso que ele está a fazer aqui, a criar um ser humano a partir do barro.

Olhou-me em busca de confirmação. A verdade era que eu já me esquecera dessa história. Eu e a Sadie é que devíamos ser os professores, mas muitas das vezes a Jaz lembrava-se de mais pormenores do que eu.

— Sim, boa — respondi. — Homem a partir do barro. Exatamente.

A Sadie franziu o sobrolho diante da cabeça de carneiro de Khnum.

— Faz lembrar aqueles desenhos animados antigos do... do Alce Alceu, não era? Podia ser o deus-alce.

— Não é nada o deus-alce — disse eu.

— Mas se andamos à procura do Livro de Rá — matutou ela —, e Rá é o deus-sol, então porque é que andamos à procura de um alce?

A Sadie consegue mexer-me com os nervos. Já vos tinha dito?

— Khnum era um determinado aspeto do deus-sol — expliquei. — Rá tinha três personalidades distintas: de manhã era Khepri,

o deus-escaravelho; Rá durante o dia; e Khnum, o deus de cabeça de carneiro, ao pôr do sol, quando descia ao submundo.

— Isso é confuso à brava — observou a Jaz.

— Nem por isso — respondeu a Sadie. — O Carter, por exemplo, tem diferentes personalidades. De manhã é *zombie*, à tarde é lesma, e à noite...

— Sadie — avisei eu —, cala a boca.

O Walt coçou o queixo.

— Eu acho que a Sadie tem razão. É um alce.

— *Obrigada* — disse a Sadie.

O Walt fez-lhe um sorriso relutante, mas continuava com um ar preocupado, como se algo o incomodasse. Apanhei a Jaz a observá-lo com uma expressão apreensiva, e perguntei-me de que teriam estado a falar antes.

— Já chega do alce — disse eu. — Temos de levar esta estátua de volta à Casa de Brooklyn. Contém algum tipo de pista...

— Mas como é que a descobrimos? — perguntou o Walt. — E ainda não nos explicaste porque é que precisamos tanto desse tal Livro de Rá.

Hesitei. Havia uma série de coisas que ainda não tínhamos dito aos nossos estagiários, nem sequer ao Walt e à Jaz — tipo, que o mundo podia acabar daí a cinco dias. O tipo de informação capaz de nos distrair do estágio.

— Eu explico quando voltarmos — prometi. — Agora, a ver se descobrimos como deslocar a estátua.

A Jaz franziu o sobrolho.

— Acho que não vai caber no meu saco.

— Oh, parem lá de fazer drama — disse a Sadie. — Olhem, podemos lançar um feitiço de levitação à estátua. Criamos uma manobra de diversão qualquer em grande para evacuar o salão de baile...

— Esperem aí. — O Walt inclinou-se para a frente e examinou a figurinha humana. O sujeitinho sorria, como se estar a ser moldado

a partir do barro fosse tremendamente divertido. — Ele tem um amuleto. Um escaravelho.

— É um símbolo comum — disse eu.

— Pois... — disse o Walt, passando os dedos pela sua própria coleção de amuletos. — Mas o escaravelho é o símbolo do renascimento de Rá, não é? E esta estátua mostra Khnum a criar uma nova vida. Se calhar, não precisamos da estátua toda. Talvez a pista seja...

— Ah! — exclamou Sadie, pegando na sua varinha. — Brillhante.

Eu preparava-me para dizer «Sadie, não!», mas claro que teria sido inútil. A Sadie nunca me dá ouvidos.

Deu alguns toques com os dedos no amuleto do sujeitinho. As mãos de Khnum começaram a brilhar. A cabeça da estátua mais pequena abriu-se em quatro secções como se fosse o topo de um silo de mísseis e, sobressaindo do seu pescoço, apareceu um rolo de papiro amarelado.

— *Voilà* — disse a Sadie com uma expressão de orgulho.

Enfiou a varinha no saco e pegou no rolo indiferente ao meu grito:

— Cuidado, pode estar armadilhado!

Como já disse, ela nunca me dá ouvidos.

Assim que arrancou o rolo da estátua, toda a sala ribombou e começaram a aparecer rachas nos expositores de vidro.

A Sadie deu um gritinho quando o rolo que tinha na mão irrompeu em chamas. Estas não pareceram consumir o papiro nem feri-la; mas quando ela tentou afastar o fogo, manchas brancas fantasmagóricas saltaram para o expositor mais próximo e propagaram-se rapidamente pela sala, como se seguissem um rasto de gasolina. O fogo alcançou as janelas e, nas vidraças, atearam-se hieróglifos brancos, acionando, provavelmente, uma série de compartimentos protetores e maldições. Então, o fogo fantasmagórico propagou-se ao grande friso à entrada da sala. A laje de pedra foi violentamente sacudida. Não consegui ver as inscrições do outro lado, mas ouvi um grito estridente — semelhante ao que um papagaio muito grande e muito zangado produziria.

O TRONO DE FOGO

O Walt tirou a sua varinha mágica das costas. A Sadie agitou o rolo em chamas como se estivesse preso à mão.

— Tirem-me esta coisa! Isto é *tão* não culpa minha!

— *Hmm...* — A Jaz puxou a sua varinha. — Que som foi aquele?

O coração caiu-me aos pés.

— Acho — disse eu —, que a Sadie acabou de encontrar a sua manobra de diversão.



2. Domesticamos um Colibri de Três Toneladas

HÁ UNS MESES as coisas teriam sido diferentes. A Sadie podia ter desencadeado uma explosão de nível militar ao pronunciar uma única palavra. Eu podia ter-me envolvido num avatar de combate mágico e quase nada conseguiria derrotar-me.

Mas isso era quando estávamos totalmente em comunhão com os deuses — Hórus, no meu caso, Ísis, no caso da Sadie. Tínhamos abdicado desse poder porque era, simplesmente, demasiado perigoso. Até termos um melhor controlo das nossas próprias capacidades, encarnar deuses egípcios podia dar connosco em doidos ou, literalmente, incinerar-nos.

Agora, dispúnhamos apenas da nossa própria magia limitada. Isso aumentava a dificuldade de certas coisas importantes — tipo sobrevivermos quando um monstro voltava à vida e queria matar-nos.

O grifo foi emergindo até ficar totalmente à vista. Tinha o dobro do tamanho de um leão normal e uma pelagem vermelho-dourada salpicada de pó de calcário. A cauda estava guarnecida de penas pontiagudas que pareciam duras e afiadas como punhais. Com um simples golpe, pulverizou a laje de pedra de onde viera. As suas asas hirsutas estavam agora eriçadas sobre o seu dorso. Quando a besta se movia, vibravam tão depressa que a sua imagem ficava desfocada, e zumbiam como as asas do maior e mais diabólico colibri do mundo.

O grifo fixou os seus olhos esfomeados na Sadie. A mão dela, e com ela o rolo de papiro, continuavam envolvidos em chamas brancas. O grifo parecia ver nisso algum tipo de desafio. Eu já tinha ouvido muitos gritos de falcão — não se esqueçam de que *eu próprio* já fora uma ou duas vezes um falcão —, mas quando esta coisa abriu o bico soltou um guincho

de tal intensidade que fez trepidar as janelas e eriçou-me os pelos todos do corpo.

— Sadie — disse eu —, larga o rolo.

— Tá lá? Está preso à minha mão! — protestou ela. — E não sei se já te disse, mas eu estou a arder!

Pedaços de fogo fantasmagórico ardiam agora em todas as janelas e artefactos. O rolo de papiro parecia ter ativado todos os reservatórios de magia egípcia da sala, e eu não tinha grandes dúvidas de que isso não era bom. O Walt e a Jaz tinham paralisado com o choque. Acho que não podia censurá-los. Afinal, era o seu primeiro monstro a sério.

O grifo deu um passo na direção da minha irmã.

Posicionei-me ombro a ombro com ela e executei o único passe de magia de que ainda dispunha. Estendi a mão para o Duat e retirei de lá a minha espada — uma *khopesh* egípcia com uma lâmina diabolicamente afiada, em forma de gancho.

A Sadie estava com um ar bastante apalermado, com a mão e o pergaminho a arder, que nem uma Estátua da Liberdade excitada, porém, conseguiu usar a mão livre para invocar a sua arma ofensiva principal — um bordão de metro e meio de comprimento com hieróglifos entalhados.

— Alguma dica sobre como lutar com grifos? — perguntou-me.

— Evitar as partes afiadas? — arrisquei.

— Brilhante. Obrigadinha por essa.

— Walt — chamei. — Vê lá essa janelas. Vê se consegues abri-las.

— M-mas estão amaldiçoadas.

— Pois — retorqui. — E se tentarmos sair pelo salão de baile, o grifo devora-nos antes de lá chegarmos.

— Vou ver as janelas.

— Jaz — pedi —, dá uma ajuda ao Walt.

— Aquelas inscrições nas janelas — murmurou a Jaz. — Eu já... as vi...

— Faz o que eu disse! — insisti.

O grifo investiu, com as asas a zumbir que nem motosserras. A Sadie arremessou o seu bordão, que em pleno ar se transformou num tigre e se atirou contra o grifo, com as garras de fora.

O monstro não se deixou intimidar. Arrojou o tigre para o lado e lançou-se sobre ele com uma rapidez sobrenatural, abrindo desmesuradamente o bico. GLOP. Engoliu, arrotou, e o tigre já era.

— Aquele era o meu bordão preferido! — gritou a Sadie.

O grifo voltou-se para mim.

Agarrei firmemente na minha espada. A lâmina começou a brilhar. Desejei ainda ter a voz de Hórus dentro de mim, a incitar-me. Temos um deus pessoal da guerra ajuda-nos a fazer coisas estupidamente corajosas.

— Walt! — chamei. — Como vai essa janela?

— Estou a experimentá-la agora — respondeu ele.

— Es-pera aí — disse a Jaz em tom ansioso. — Isso são símbolos de Sekhmet. Para, Walt!

Foi então que tudo sucedeu ao mesmo tempo. O Walt abriu a janela e uma onda de fogo branco sobrevoou-o com um grande estrondo, derrubando-o.

A Jaz correu para junto dele. O grifo perdeu imediatamente o interesse em mim. Como qualquer bom predador, focou-se no alvo em movimento — a Jaz — e lançou-se sobre ela.

Eu persegui o grifo. No entanto, em vez de atacar os nossos amigos, o grifo elevou-se sobre eles e estatelou-se contra a janela. A Jaz puxou o Walt para fora do caminho enquanto o grifo se passava dos carros, lançando-se às chamas brancas, tentando mordê-las.

Estava a tentar atacar o fogo. Dava dentadas no ar. Rodopiando, deitou ao chão um expositor de *shabti*. Com a cauda, fez um sarcófago em pedaços.

Não sei bem o que se apoderou de mim, mas gritei: «Para!»

O grifo estacou. Voltou-se para mim, crocitando de irritação. Uma cortina de fogo branco deslocou-se a grande velocidade, ardendo ao

canto da sala, quase como se estivesse a reagrupar-se. Observei então que outros fogos se agrupavam, constituindo formas ardentes de aparência vagamente humana. Uma delas olhou-me diretamente, e senti uma aura inconfundível de maldade.

— Carter, chama-lhe a atenção. — A Sadie, aparentemente, não se apercebera das formas flamejantes. Continuava de olhos fixados no grifo, enquanto tirava do bolso um pedaço de cordel mágico. — Se eu ao menos conseguir aproximar-me...

— Sadie, espera! — Tentei processar os acontecimentos. O Walt estava de costas no chão, a tremer por todo o lado. Tinha os olhos brancos e brilhantes, como se tivesse sido penetrado pelo fogo. A Jaz tinha-se ajoelhado sobre ele, murmurando um encanto curativo.

ROOO-UCC!, crocitou o grifo em tom queixoso, como que pedindo autorização — como se estivesse a *obedecer* à minha ordem para parar, mas a contragosto.

As formas flamejantes ficavam cada vez mais brilhantes e sólidas. Conteí sete figuras, nas quais se definiam lentamente braços e pernas.

Sete figuras... A Jaz mencionara qualquer coisa a propósito dos símbolos de Sekhmet. O temor apoderou-se de mim quando caí na conta do tipo de maldição que realmente protegia o museu. A libertação do grifo fora meramente acidental, e não o verdadeiro problema.

A Sadie lançou o seu cordel mágico.

— Espera! — gritei, mas era tarde demais. O cordel mágico esticou-se pelo ar fora, transformando-se numa corda enquanto se dirigia a grande velocidade para o grifo.

A criatura grasnou de indignação, e deu um salto em perseguição das formas flamejantes. As criaturas de fogo dispersaram-se, e iniciou-se um jogo do agarra de aniquilação total.

O grifo zumbia em redor da sala, com as asas a vibrar. Vários expositores de vidro ficaram feitos em cacos. Retiniram alarmes mortais. Eu gritava ao grifo, ordenando-lhe que parasse, mas desta vez totalmente em vão.

Pelo canto do olho, vi a Jaz desmaiar, talvez devido aos esforço do seu encanto curativo.

— Sadie! — gritei. — Dá-lhe uma ajuda!

Ela correu para junto da Jaz. Eu pus-me a perseguir o grifo. Devia estar com ar de idiota chapado, de pijama preto e espada brilhante a tropeçar entre artefactos quebrados enquanto berrava ordens a um gigantesco gato-colibri.

Quando parecia que as coisas já não podiam piorar, assomou à esquina uma dúzia de convidados da festa, a ver que raio de barulho era aquele. Ficaram de queixo caído. Uma senhora de vestido cor de pêssego pôs-se aos gritos.

As sete criaturas flamejantes seguiram a grande velocidade por entre os convidados do casamento, que desmaiaram instantaneamente. Os fogos mantiveram-se, fustigando a esquina para o salão de baile. O grifo voou no seu encalce.

Olhei de relance para a Sadie, que estava ajoelhada junto da Jaz e do Walt.

— Como estão eles?

— O Walt está a vir a si — respondeu ela —, mas a Jaz não reage.

— Segue-me quando puderes. Acho que consigo controlar o grifo.

— Carter, estás *louco*? Os nossos amigos estão feridos, e eu tenho um rolo de papiro a arder preso à mão. A janela está aberta. Ajuda-me mas é a levar a Jaz e o Walt daqui para fora!

Ela tinha razão. Esta podia ser a nossa única oportunidade de levar dali os nossos amigos vivos. Mas sabia igualmente o que aqueles sete fogos eram agora, e sabia que, se não fosse atrás deles, uma data de gente inocente iria sofrer.

Murmurei uma praga egípcia — no sentido de praguejar, não de rogar uma praga por magia — e corri a juntar-me à festa de casamento.

O salão de baile principal estava um caos. Os convidados corriam de um lado para o outro, gritando e embatendo nas mesas. Um tipo de

smoking tinha caído em cima do bolo de casamento e gatinhava agora de um lado para o outro com os bonequinhos de plástico da noiva e do noivo colados ao rabo. Um músico tentava fugir com uma caixa da bateria presa ao pé.

Os fogos brancos tinham solidificado o suficiente para lhes conseguir distinguir as formas — algo entre caninas e humanas, com braços alongados e pernas tortas. Refulgiam como gás sobreaquecido enquanto se deslocavam a grande velocidade pelo salão, circundando as colunas que rodeavam a pista de dança. Um deles atravessou o corpo de uma dama-de-honor. Os olhos dela ficaram de um branco leitoso e depois caiu por terra, tremendo e tossindo.

Apeteceu-me enrolar-me numa bola sobre mim próprio. Não conhecia nenhum feitiço capaz de combater estas coisas e, se uma delas me tocasse...

Subitamente, o grifo desceu em voo picado vindo sabe-se lá de onde, seguido de perto pela corda mágica da Sadie, ainda a tentar enlaçá-lo. O grifo engoliu de um trago uma das criaturas de fogo sem parar de voar. Libertou pedaços de fumo das narinas, mas fora isso, o facto de ter engolido o fogo branco não pareceu incomodá-lo.

— Ei! — gritei.

Tarde demais, apercebi-me do meu erro.

O grifo virou-se para mim, o que o fez abrandar o suficiente para que a corda mágica da Sadie se lhe enrolasse nas patas traseiras.

SQUAUUUC!, guinchou o grifo, estatelando-se numa das mesas do copo d'água. A corda aumentou de comprimento, enrolando-se em volta do corpo do monstro enquanto as suas asas de alta rotação despedaçavam a mesa, o soalho e travessas de sanduíches como um triturador de madeira descontrolado.

Os convidados do casamento começaram a abandonar o salão. A maioria correu para os elevadores, mas algumas dezenas tinham ficado inconscientes ou acometidos de alguma coisa má, com os olhos brancos e brilhantes. Outros estavam presos sob montes de detritos.

Os alarmes troavam, e os fogos brancos — que eram agora seis — estavam completamente fora de controlo.

Corri para o grifo, que rebojava no meio do chão, tentando em vão morder a corda.

— Acalma-te lá! — berrei-lhe. — Deixa-me ajudar-te, estúpido!

FRIIC!, gritou o grifo, enquanto varria o ar com a cauda por cima da minha cabeça, não me decapitando por um triz.

Respirei fundo. Eu era essencialmente um mágico de combate. Nunca fora muito bom em feitiços com hieróglifos, mas aponteí a espada ao monstro e disse:

— *Ha-tep*.

Um hieróglifo verde — o símbolo de *A paz esteja contigo* — irrompeu em chamas no ar, mesmo junto à ponta da minha lâmina:



O grifo parou de se debater. O zumbido das asas abrandou. Caos e gritos enchiam ainda o salão, mas eu tentei permanecer calmo enquanto me aproximava do monstro.

— Estás a reconhecer-me, não estás? — Estendi a mão, e outro símbolo começou a arder sobre a palma, um símbolo que eu podia sempre invocar, o Olho de Hórus.



— Tu és um animal sagrado de Hórus, não és? É por isso que me obedeces.

O grifo piscou os olhos perante a marca do deus da guerra. Eriçou as penas do pescoço e chiou num queixume, contorcendo-se sob a corda que se apertava lentamente em volta do seu corpo.

— Sim, eu sei — disse eu. — A minha irmã é uma falhada. Dá-me um minuto, que eu já te desamarro.

Algures atrás de mim, a Sadie gritou:

— Carter!

Voltei-me e vi-a com o Walt, os dois caminhando com dificuldade a carregar a Jaz. A Sadie ainda estava a fazer a sua imitação da Estátua da Liberdade, segurando numa mão o rolo em chamas. O Walt estava de pé e os olhos já não lhe brilhavam, mas a Jaz tinha o corpo descaído para a frente, como se todos os seus ossos se tivessem transformado em gelatina.

Esquivaram-se a um espírito flamejante, e mais uns quantos convidados do casamento meio enlouquecidos, e lá conseguiram atravessar o salão de baile.

— Como é que o acalmaste? — perguntou o Walt, sem tirar os olhos do grifo.

— Os grifos são servos de Hórus — disse eu. — Puxavam a sua quadriga em combate. Acho que reconheceu a minha ligação ao deus.

O grifo chiou de impaciência e fustigou com a cauda uma coluna de pedra, que derrubou.

— Não é lá muito calmo — observou a Sadie. Levantou o olhar para a claraboia, doze metros mais acima, onde a figura minúscula de Khufu nos acenava freneticamente. — Precisamos de tirar a Jaz daqui agora — disse ela.

— Eu estou bem — murmurou a Jaz.

— Não, não estás — disse o Walt. — Carter, ela retirou aquele espírito de dentro de mim, mas isso quase a matou. É um género qualquer de demónio da doença...

— Um *bau* — atalhei. — É um espírito maléfico. Estes sete chamam-se...

— As Setas de Sekhmet — disse a Jaz, confirmando os meus piores receios. — São espíritos de maldição, nascidos da deusa. Eu posso detê-los.

— Tu podes *descansar* — retorquiu a Sadie.

— Ora bem — disse eu. — Sadie, desamarra o grifo e...

— Não há tempo — contrapôs a Jaz. Os *bau* estavam a ficar maiores e mais brilhantes. Mais convidados caíram por terra enquanto os espíritos disparavam pelo salão sem oposição.

— Vão morrer, se eu não parar os *bau* — disse ela. — Eu consigo canalizar o poder de Sekhmet e obrigá-los a voltar para o Duat. É para isso que tenho andado a treinar.

Hesitei. A Jaz nunca tinha tentado um feitiço desta envergadura. E já estava debilitada por ter tentado curar o Walt. Mas *estava* realmente treinada para isto. Poderia parecer estranho que os curandeiros estudassem o caminho de Sekhmet, porém, uma vez que ela era a deusa da destruição, das pragas e da fome, fazia sentido que os curandeiros aprendessem a controlar as suas forças — incluindo o *bau*.

Além disso, ainda que eu libertasse o grifo, não estava absolutamente seguro de conseguir controlá-lo. Havia uma hipótese não desprezável de ele ficar excitado e nos engolir a nós, em vez dos espíritos.

Lá fora, as sirenes da polícia faziam-se ouvir cada vez mais alto. Estávamos a ficar sem tempo.

— Não temos escolha — insistiu a Jaz. Puxou da varinha e então, para grande choque da minha irmã, beijou o Walt na bochecha. — Vai correr tudo bem, Walt. Não desistas. — Tirou algo mais do seu saco de magia: uma figurinha de cera, e pressionou-a sobre a mão livre da Sadie. — Em breve vais precisar disto, Sadie. Lamento não poder ajudar-te mais. Vais saber o que fazer quando chegar o momento.

Acho que nunca tinha visto a Sadie tão embasbacada, sem saber o que dizer.

A Jaz correu para o centro do salão de baile e tocou com a varinha no chão, traçando uma circunferência de proteção em volta dos pés. Do saco retirou uma estatueta de Sekhmet, a sua deusa padroeira, e segurou-a bem alto no ar.

Começou a entoar um cântico. À volta do seu corpo formou-se uma auréola de luz vermelha brilhante. Finos feixes de energia semelhantes a gavinhas emanavam do círculo, enchendo o salão como os ramos de uma árvore. Então, as gavinhas começaram a rodopiar, lentamente, a princípio, mas ganhando cada vez mais velocidade até que a corrente mágica estava a puxar os *bau*, obrigando-os a voar, todos na mesma direção, arrastando-os para o centro. Os espíritos uivavam, tentando resistir ao encantamento. A Jaz vacilou um pouco, mas continuou a entoar o seu cântico, com o rosto coberto de pérolas de suor.

— Não podemos ajudá-la? — perguntou o Walt.

RAUUUUC!, guinchou o grifo, significando, provavelmente: *Alooôô!*
Esqueceram-se de mim?!

O som cada vez mais alto das sirenes parecia indicar que estavam agora mesmo do lado de fora do edifício. Ao fundo do corredor, perto dos elevadores, alguém gritava para um megafone, ordenando à última vaga de convidados do casamento que abandonasse o edifício — como se fosse preciso encorajamento. Entretanto, a polícia chegara e, se fôssemos detidos, seria muito difícil explicarmos esta situação.

— Sadie — disse eu —, prepara-te para desatar a corda do grifo. Walt, ainda tens o teu amuleto da barca?

— O meu...? Tenho. Mas não há água.

— Faz simplesmente aparecer a barca! — Vasculhei os bolsos e encontrei o meu próprio cordel mágico. Pronunciei um encantamento e fiquei instantaneamente a segurar uma corda com uns seis metros de comprimento. Fiz um nó corrediço frouxo no meio, como se fosse um enorme nó de gravata, e aproximei-me cautelosamente do grifo.

— Vou só passar-te isto à volta do pescoço — disse-lhe eu. — Não te assustes.

FRIIIC!, fez o grifo.

Aproximei-me um pouco mais, perfeitamente ciente de que aquele bico me podia agarrar num instante, se quisesse, mas lá consegui passar-lhe a corda à volta do pescoço.

Foi então que algo correu mal. O tempo desacelerou. As rubras gavinhas rodopiantes do feitiço da Jaz começaram a mover-se muito lentamente, como se o ar se tivesse transformado em xarope. Os gritos e o ronco das sirenes desvaneceram-se até se transformarem num mero rugido distante.

Não vais conseguir, sibilou uma voz.

Voltei-me e vi-me face a face com um *bau*.

Flutuava no ar a poucos centímetros de mim, com os seus traços brancos e flamejantes quase focados. Parecia sorrir, e eu estava capaz de jurar que já vira este rosto.

O caos é demasiado poderoso, rapaz, disse ele. *O mundo gira fora do teu controlo. Abdica da tua busca!*

— Cala a boca — murmurei, mas o meu coração batia com toda a força.

Nunca vais encontrá-la, escarneceu o espírito. *Ela dorme no Sítio das Areias Vermelhas, mas morrerá caso prossigas a tua busca inútil.*

Senti-me como se uma tarântula me caminhasse pelas costas. O espírito referia-se a Zia Rashid — a Zia *autêntica*, que eu procurava desde o Natal.

— Não — disse eu. — tu és um demónio, um impostor.

Sabes que não é assim, rapaz. Nós já nos encontramos.

— Cala a boca! — Invoquei o Olho de Hórus, e o espírito bufou. O tempo acelerou novamente. As gavinhas vermelhas do encantamento da Jaz enrodilharam-se em volta do *bau* e puxaram-no, aos gritos, para o vórtice.

Ninguém mais, aparentemente, se apercebeu do que acabara de acontecer.

A Sadie jogava à defesa, fustigando os *bau* com o seu rolo de papiro flamejante sempre que se aproximavam. O Walt pousou no chão o seu amuleto-barco e pronunciou a palavra de comando. Numa questão de segundos, como aqueles brinquedos incríveis que se expandem em contacto com a água, o amuleto aumentou de tamanho até se

transformar numa barca egípcia feita de junco, em tamanho real, sobre as ruínas da mesa do *buffet*.

Com as mãos a tremer, peguei nas duas extremidades do novo nó de gravata do grifo, e ateí uma à proa e a outra à popa.

— Carter, olha! — chamou a Jaz.

Voltei-me a tempo de ver um clarão de luz vermelha tão intenso que cegava. Todo o turbilhão colapsou para o seu interior, sugando os seis *bau* para dentro do círculo da Jaz. A luz extinguiu-se. A Jaz perdeu os sentidos. A sua varinha e a estátua de Sekhmet desfizeram-se em pó nas suas mãos.

Corremos para ela. A sua roupa fumegava. Não consegui perceber se respirava.

— Ponham-na dentro da barca — disse eu. — Temos de bazar daqui.

Ouvi um pequeno grunhido vindo bem lá de cima. O Khufu abria a clara-boia. Gesticulava freneticamente na nossa direção, enquanto o céu por cima dele era varrido por holofotes. O museu estava provavelmente cercado por veículos de emergência.

A toda a volta do salão de baile havia convidados aflitos, à medida que recuperavam os sentidos. A Jaz salvara-os, mas com que custo? Carregámo-la para a barca e subimos a bordo.

— Segurem-se bem — adverti eu. — Esta coisa não tem equilíbrio nenhum. Se se voltar...

— Ei! — gritou uma voz grave masculina atrás de nós. — O que estão a... Ei! Parem!

— Sadie, corda, já! — disse eu.

Ela estalou os dedos, e a corda que amarrava o grifo desfez-se.

— VAMOS! — gritei. — SOBE!

FRIIIIC!, fez o grifo, aumentando a rotação das asas. Elevámo-nos no ar, com a barca a abanar de um lado para o outro, e disparámos diretos à clara-boia aberta. O grifo mal pareceu dar nota do nosso peso extra. Subiu de tal modo depressa que o Khufu teve de dar um salto,

quase um voo, desesperado para conseguir subir a bordo. Puxei-o para dentro, e agarrámo-nos desesperadamente, tentando não virar a barca.

— *Agh!* — queixou-se o Khufu.

— Pois! — assenti. — Quem é que disse que isto ia ser fácil?

Por outro lado, vá, nós éramos a família Kane. Este era o dia mais fácil que íamos ter nos próximos tempos.

Não se sabe como nem porquê, mas o nosso grifo conhecia o caminho a seguir. Deu um pio triunfal e saiu a voar pela noite fria e chuvosa. Enquanto voávamos de volta a casa, o papiro da Sadie começou a arder com mais intensidade. Quando olhei para baixo, ardiam fogos brancos fantasmagóricos por todos os telhados de Brooklyn.

Comecei a perguntar-me o que tínhamos roubado, exatamente — se era, sequer, o objeto certo, ou se nos ia complicar ainda mais a vida. Em qualquer dos casos, não conseguia livrar-me da sensação de que tínhamos finalmente abusado demais da sorte.

UMA MALDIÇÃO.
DOIS HERÓIS.
CINCO DIAS PARA SALVAR O MUNDO.



Desde que os deuses do Antigo Egito foram libertados, nunca mais houve um momento de paz para os irmãos Carter e Sadie. Descendentes da Casa da Vida, ordem secreta que remonta à época dos faraós, eles têm poderes especiais, mas ainda não os dominam.

Agora que o seu maior inimigo, Apófis, a serpente do caos, se ergueu, eles têm apenas cinco dias para salvar o mundo da destruição total. Para isso, vão precisar da ajuda de Rá, o deus sol. O problema? Ninguém sabe onde ele está.

Contado pelas vozes divertidas de Carter e Sadie, que agarram os leitores desde a primeira página, Rick Riordan leva-nos numa viagem incrível por cenários fantásticos, onde deuses, magia, mitologia e momentos de ação extraordinária se juntam numa aventura épica de cortar a respiração!

LIVRO 2
AS CRÓNICAS DOS
KANE



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
@ penguinkidspt

ISBN 9789897848513



9 789897 848513 >